

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

ESTÉTICA NEGRA (Maria Cândida Ferreira de Almeida)

Emanuel Araújo, artista, curador e teórico das artes visuais em entrevista recente afirmou: “É preciso lembrar que há uma *estética negra* tão poderosa quanto a *estética branca*” (VIEIRA, 2007, 72). Então, mais um conceito se coloca como uma provocação ao debate: O que significa “*estética negra*”? Para avançar nesta formulação, estamos reduzindo a questão estética à sua dimensão artística que por si só já levanta muitas indeterminações e desafios.

A compreensão das possibilidades de afirmação de uma “estética” qualquer, impõe, primeiro, abarcar um estado que transcenda o cotidiano expressivo dos sujeitos e provoque uma experimentação diferenciada na sua relação com o mundo. Normalmente, esta reflexão teórica exige do seu formulador uma resposta “universal” que implique uma explicação da relação humana com o mundo. Em uma concepção mais tradicional, falar de uma “estética negra” particulariza um movimento que deveria ser “objetivo” em seu princípio organizador por conter a exigência de “julgamentos estéticos válidos” em uma ordem objetiva. Os critérios de valor acionados não poderiam ter como fundamento a particularidade proposta por um sujeito determinado étnica e racialmente.

No entanto, as artes produzidas por um grupo excêntrico para o discurso crítico hegemônica exigem outros pactos teóricos e passam até pelo compromisso político, que, quando são explícitos, afetam a reflexão enquanto articulação de uma teoria. Estendido ao fazer estético, o acordo político impulsiona uma representação submetida à situação sócio-econômica, à expressão geográfica e à expressão sociológica dos sujeitos em sua experimentação plástica. Pactuada com a situação das populações negras, a *estética negra* conforma-se como uma atitude, que, no entanto, está para além de uma resposta às reivindicações cotidianas.

Em outras palavras, definindo uma arte afro-brasileira, Marta Salum (2000, p. 112-121), assim a conceitua:

vemos que a “arte afro-brasileira” é antes de mais nada contemporânea: ganhou nome neste século XX e passou a ser reconhecida como qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a *estética* e a

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

religiosidade africanas tradicionais e, de outro, os cenários socioculturais do negro no Brasil.

Tanto no movimento de produção quanto de recepção a produção estética será definida pelas redes de elaboração não estéticas - religião, contexto, etc -, no entanto, no particular caso da estética negra é imperioso questionar as redes de significações firmadas para a delimitação do corpo negro na cultura ocidental, recorrentemente esta corporeidade é tomada como *locus* do desejo, do tribalismo ou da ameaça. Pensar uma estética negra na atualidade provoca-nos a buscar outras trilhas e deslocar-nos de percepções e atitudes já convencionadas na configuração do corpo negro.

Referências Bibliográficas e Webgráficas:

FERREIRA DE ALMEIDA, Maria Cândida. Arte afro-descendente: um olhar em desafio. In: NUSSBAUMER, Gisele M. (org.) Políticas... Salvador: CULT/UFBA, 2007.

SALUM, Marta H. L. Cem anos de arte afro-brasileira. In: AGUILAR, Nelson (org). Mostra do Descobrimento: Arte afro-brasileira. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

VIEIRA, Ana Luísa. Os traços do curador. In: Plural. São Paulo: Carta Capital, 21 de março de 2007, ano XIII n. 436, p. 72.